

The image shows a school building with a courtyard. The building has white walls and blue window frames. A large mural is painted on the wall, featuring a blue background with white dots and orange and red shapes. The word 'REVISTA' is written in a blue box at the top. The title 'Novos Diálogos Suburbanos' is written in white and black text. The courtyard has a paved ground and some plants. The text 'ESCOLA GREGIA' is visible on the right side of the building.

**REVISTA**

# Novos Diálogos *Suburbanos*

ESCOLA GREGIA

**EDUCAÇÃO NOS  
SUBÚRBIOS**

Ano 1 nº 3 - dezembro de 2023

# Novos Diálogos

## Suburbanos

### Sumário

<b>Editorial: Educação nos subúrbios</b>	<b>03</b>
Flávio Lima Ferreira, Luiz Claudio Motta Lima e Maria Celeste Ferreira	
<b>Vinte anos de Audiovisual no Núcleo de Arte Grécia</b>	
Luiz Claudio Motta Lima	<b>06</b>
<b>Educação antirracista no Rio de Janeiro</b>	<b>10</b>
Flávio Lima	
<b>Os amigos da Lis</b>	<b>13</b>
Rose Araujo	
<b>Educação voltada à preservação do patrimônio: um olhar sobre a arquitetura dos subúrbios</b>	<b>14</b>
Geanine Souza	
<b>Quem é do axé pode dizer que é?</b>	<b>18</b>
Bruna Marques Cabral	
<b>O Swing de Campo Grande</b>	<b>20</b>
Priscilla Rodrigues Fonseca Moura	
<b>Memórias de uma infância de subúrbio: a dura e decisiva batalha da educação</b>	<b>23</b>
Jubdervan Viana da Costa	
<b>Travessias: do engajamento estudantil à educação popular nos subúrbios</b>	<b>27</b>
Etel Oliveira	
<b>A professora inquisidora, a Rosa de Hiroshima e o poema do barquinho agapito</b>	<b>30</b>
Ricardo França de Gusmão	
<b>Uma folha</b>	<b>34</b>
Lorena Lopes Pereira Bonomo	
<b>Crônica suburbana</b>	<b>36</b>
Paloma Maulaz Moura Paixão	

# EDUCAÇÃO NOS SUBÚRBIOS

# Novos Diálogos *Suburbanos*

## Educação nos subúrbios

Escolas, Arte e Pedagogia Antirracista

Entendemos a Educação como uma série de processos amplos e diversificados na criação de conhecimentos formais e saberes informais, portanto é um conceito inseparável de Cultura. Lembramos que as experiências de espaços escolares não se limitaram ao período republicano da nossa História. O tema abre um leque de reflexões, novas pesquisas, memórias, registros e imaginação criativa sobre práticas ou locais, estes entendidos de alguma forma como arrabaldes, subúrbios ou periferias. Daremos atenção especial aos Subúrbios Cariocas, mas não de forma excludente, devido à complexidade do tema.

O cotidiano escolar não está limitado às paredes e muros construídos como ambiente da ação educativa, mas se exerce de forma ampla. Devemos entender o universo estudantil para além da escola, englobando a casa, a rua, a praça, os lugares de convivência em geral. Por isso torna-se de extrema importância reconhecer o potencial transformador da arte na educação nos subúrbios. De forma geral, a arte desempenha um papel fundamental na expressão e organização da comunidade escolar, permitindo o compartilhamento de histórias e perspectivas de uma maneira criativa.

Ao integrar a arte como componente do processo de ensino e aprendizagem, as escolas suburbanas podem promover a participação ativa dos alunos, estimulando o pensamento crítico, a criatividade e a autoestima. Como exemplo, o Núcleo de Arte Grécia, em seus 21 anos de existência, oferece oficinas artísticas para os alunos da rede municipal de ensino. No ano de 2023, a Oficina de Vídeo do Núcleo de Arte Grécia completa 20 anos de atividades em uma escola municipal da rede pública de ensino. Esse é apenas um exemplo de que a escola junto com a comunidade escolar pode ser uma forma de estímulo à educação inclusiva.

É no contexto da educação dos subúrbios, que destacaremos algumas unidades escolares, entre elas, aquelas que a duras penas aplicam uma pedagogia antirracista. Aquelas do âmbito municipal, sobretudo, enfrentam a resistência medieval de algumas famílias. Esta resistência bárbara se reflete na dificuldade de professores e diretores de fazer cumprir a Lei 10.639, que está em vigor há vinte anos

Nas áreas mais atingidas pelas ações paralelas do Estado, é ainda mais doloroso o ofício de conscientizar adolescentes pardos, negros, sem o mínimo de afeto familiar, sem noção de pertencimento. A falta de conhecimento sobre as origens do nosso povo e, sobretudo nossa ancestralidade é um componente decisivo para dificultar a efetiva aplicação de uma pedagogia antirracista. Educação nos subúrbios, deve passar hoje obrigatoriamente por uma educação antirracista, inclusiva e cidadã.

Flávio Lima Ferreira, Luiz Claudio Motta Lima e Maria Celeste Ferreira



## Vinte anos de Audiovisual no Núcleo de Arte Grécia

Luiz Claudio Motta Lima

Desde que comecei a exercer o magistério nas redes públicas estadual e municipal do Rio de Janeiro tentei repassar aos alunos meu gosto pela arte cinematográfica e minha experiência neste assunto. Em 2001, na Escola Municipal Grécia, unidade escolar sediada na área dos bairros de Vila da Penha, Vista Alegre e Brás de Pina, realizei com eles muitas atividades de audiovisual. No ano seguinte, essas ações derivaram a organização de um núcleo de arte naquela escola, criando-se ambiente favorável à expansão das produções audiovisuais feitas pelos alunos. Em 2003 isso foi concretizado, quando comecei a ministrar aulas na oficina de vídeo do Núcleo de Arte Grécia.

### Criação Audiovisual na Escola

Atualmente, com a facilidade das câmeras digitais, celulares, entre outros recursos tecnológicos as pessoas podem realizar e exibir na Internet — através de sites como o Youtube, TikTok — pequenas produções, que podem ser assistidas por um número cada vez maior de espectadores.



Os professores também buscam esse diálogo, possibilitado pela democratização dos recursos audiovisuais. E este debate não é de hoje; aliás, desde que tenham oportunidade, os professores utilizam novos recursos em sua didática. Trata-se de uma tendência iniciada no início dos anos 2000, com a popularização das câmeras digitais e da facilidade da edição não linear em computadores caseiros. Neste contexto, aumentam as produções independentes e as intervenções caseiras que invadem a internet.

Entretanto, embora as facilidades com os recursos tecnológicos tenham aumentado, alguns problemas surgiram, como um número grande de imagens sem resolução, com enquadramento não adequado, movimentos bruscos e, principalmente, pequenos vídeos produzidos sem autorização expressa da pessoa filmada, gerando uma discussão sobre a ética. Com referência a isso, Freire (1996, p.16) nos lembra da nossa responsabilidade:

*“Gostaria, por outro lado, de sublinhar a nós mesmos, professores e professoras, a nossa responsabilidade ética no exercício de nossa tarefa docente. Sublinhar essa responsabilidade igualmente àquelas e àqueles que se acham em formação para exercê-la”*

A função do professor é manter-se como orientador das atividades práticas, tais como elaboração de roteiros, pesquisas, filmagens e edição e análise plano a plano de filmes e vídeos. Torna-se importante a exibição de filmes e vídeos para a análise e reflexão da linguagem audiovisual. A partir da criação da Oficina de Vídeo do Núcleo de Arte Grécia muitas realizações audiovisuais foram desenvolvidas. Algumas destas dessas produções audiovisuais se destacaram e participaram de diversos festivais e mostras de cinema.

### **Além dos muros da escola**

Após anos de realização audiovisual, os alunos do Núcleo de Arte Grécia sentiam a necessidade de um espaço que pudesse ser um lugar de exibição de seus filmes e ao mesmo tempo fosse um ponto de atração para o debate sobre as questões audiovisuais. O cineclube Subúrbio em Transe surgiu desta necessidade de diálogo além dos muros da escola. A Casa do Artista Independente (CASARTI), que se localizava na épo-



ca na Rua Ponta Porã, em Vista Alegre (hoje está sediada em Cordovil), abriu a porta para os alunos organizarem as sessões cineclubistas. Assim, no dia 07/07/07 é inaugurado o cineclubes Subúrbio em Transe, com a exibição de curtas dos próprios alunos. Desde o seu início as atividades do cineclubes já se mostraram amplas. Além das exibições mensais, houve a iniciativa de se produzir filmes e também de incentivar as oficinas audiovisuais. Alma Suburbana, primeiro longa-metragem produzido por alunos, foi uma coprodução entre o Subúrbio em Transe e o Núcleo de Arte Grécia. No ano de 2008 foi fundado no Núcleo de Arte Grécia, dentro do projeto Cineclubes nas Escolas, o Cineclubes Grécia, organizado pelos alunos.

### **Para a não Finalização**

Nesse período de desenvolvimento de oficinas de audiovisual na escola muitas coisas aconteceram. Alguns alunos já se formaram e se tornaram cineastas, outros seguiram em diversas profissões, mas com o olhar crítico sobre esta sociedade em que vivemos. A partir da reflexão sobre esses anos de intensos trabalhos com o audiovisual, em que priorizamos todas as etapas de produção de um filme, nos encoraja seguir em frente produzindo e exibindo mais produções audiovisuais dos alunos. Esperamos que o cinema possa agregar mais pessoas neste objetivo comum: produzir e aprender com essa arte.





## **BIBLIOGRAFIA**

BERGALA, Alain. A Hipótese-Cinema. Rio de Janeiro: UFREJ/LISE/CINEAD/BOOK LINK, 2008.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 43 Ed. 2011.

FRESQUET, Adriana (Org). Aprender com Experiências do Cinema: Desaprender com Imagens da Educação. Rio de Janeiro: UFRJ/LISE/CINEAD, 2009.

MARTIM, Marcel. A linguagem Cinematográfica. São Paulo: Brasiliense, 1980.

PEREIRA, Josias (Org). Novas tecnologias de informação e comunicação em redes educativas – Londrina: ERD Filmes, 2008

## **FILMOGRAFIA RESUMIDA**

O pequeno cordel do sapato voador. Direção coletiva. Ano 2005. Prêmios: Melhor Roteiro (Mostra Mundo Recife – 2006; Terceiro lugar Mostra Challenge. Portugal – 2006)

Um lugar chamado Quitungo. Direção Coletiva. Ano 2006.

Um plano sequência sobre o racismo. Direção Coletiva. Ano 2007

Valorizando o meio ambiente. Direção Coletiva. Ano 2007. Menção Honrosa – Festival Nacional de Cinema Ambiental Pacoti. 2007.

Alma Suburbana. Direção: Luiz Claudio Lima; Hugo Labanca; Leonardo Oliveira; Joana D´arc. Ano 2007

No Limite do Horizonte. Direção Coletiva. 2011. Prêmio: Melhor Filme Mostra Cinema da Gema/Visões Periféricas, 2012 Periféricas 2012.

Sobre o autor: **LUIZ CLAUDIO MOTTA LIMA** é morador, professor, geógrafo suburbano. Mestre em Geografia (Departamento de Geografia UERJ, 2006), um dos organizadores do cineclube Subúrbio em transe. Desde 2002 ministra oficinas de audiovisual para alunos da rede municipal de ensino do Rio de Janeiro. É um dos diretores e orientador do Documentário Alma Suburbana. Também participa de realizações audiovisuais independentes suburbanas

## Educação antirracista no Rio de Janeiro

Flávio Lima

Especialmente para esta edição, o professor, geógrafo, compositor musical e gestor cultural Flávio Lima vai conversar com três mulheres pretas, brasileiras, batalhadoras – Karen Lamego, Lavini de Castro e Mônica Aniceto – que vão falar um pouquinho sobre educação antirracista, dentro do contexto de educação nos subúrbios. Flávio e as entrevistadas discutirão sobre as dificuldades que professores e ativistas encontram na efetivação de uma Lei (10.639) promulgada há mais de vinte anos. Publicamos aqui um extrato dessa conversa:

**Flávio Lima** – Quem é Karen Lamego?

**KAREN** – Sou professora, contadora de histórias; costumo dizer que sou a continuidade.

**Flávio Lima** – Quem é Lavini de Castro?

**LAVINI** – Sou Professora de História. Atualmente tenho me dedicado a estudar a Lei 10.639/2003. Eu tenho aquele “esperançar”, conforme ensinou Paulo Freire: acredito na efetividade daquela Lei pela mediação de professores que estão se aprimorando nessa prática pedagógica antirracista.

**Flávio Lima** – Quem é Mônica Aniceto?

**MÔNICA** – Sou professora de língua portuguesa no município do Rio, integrante da rede de professores antirracista. Atualmente trabalho em uma escola cuja proposta é ser modelo de educação antirracista.

**Flávio Lima** – O fato de termos uma luta anterior, liderada por Abdias do Nascimento e Lélia Gonzales, ajuda um pouco nessa luta antirracista, né?

**KAREN** – Costumo dizer que sou a continuidade das minhas avós, da minha mãe, das minhas professoras pretas e das minhas amigas, que estão nesta entrevista comigo, as quais admiro muito. Sinto que sou a continuidade, porque a primeira vez que escutei qualquer coisa sobre pensar em educação antirracista foi no pré-vestibular, quando tive uma professora (Marina), mulher preta. Eu não concordo muito que a gente está com dificuldade de implementar a Lei. Já temos especialização em História da África, temos as crianças nos debates, junto aos professores, que até podem pensar que não estão implementando a Lei, mas estão. Temos estudos recentes voltados para esta questão na educação. A dificuldade dos professores que pensam em implementar a Lei, é conseguirem diálogos com seus pares, com Diretores das escolas... Enfim, se a Lei não funcionasse, a gente não estaria aqui.

Mas eu, Lavini, Mônica e muitos outros somos frutos da 10.639. Procuo focar no que já temos e não no que não temos. Não é à toa que estamos aqui como referência desse lugar.

**LAVINI** – É preciso colocar alguns dados estatísticos. Há pesquisas que trabalham com dados estatísticos sobre essa implementação. Ainda há muita dificuldade de se perceber projetos, planos de aula, currículos modificados... Então, quando a gente fala dos entraves, a gente está falando de dados. É claro que nós temos ações individuais, que muitas vezes sustentam sozinhas – dentro das suas salas de aulas, sem nenhuma ajuda da Direção ou Gestão, nenhuma Secretaria – projetos vinculados à Lei. Então, a Lei não é apenas uma questão de mudança de um discurso ou de uma narrativa. A Lei precisa ser toda uma estrutura. Talvez – é aí que entra o que a Karen está falando – porque existem profissionais atuando; às vezes, não se percebe que já estão fazendo valer essa Lei, mas eles não estão tendo nenhum tipo de estrutura para essa aplicabilidade. Então, entra de novo o entrave: se é uma Lei, ela tem que ser cumprida. É uma Lei. Não é uma questão de opção! É uma política pública e é uma norma que tem que ser aplicada. Mas, o professor se vê sozinho a partir do momento em que se depara com várias dificuldades – falta de material, falta de recursos pedagógicos, falta de formação conveniente... – e se encontra num grupamento social que tenta (e às vezes consegue!) tirar dele a energia de falar sobre diversidade. Por exemplo, quando quer abordar a cultura iorubá, a cultura da capoeira, quando quer falar de algo que não é hegemônico, pessoas que estão num entrave fundamentalista, conservador, praticando ideologias ligadas à religiosidade judaico-cristã, prejudicam a ação dele em sala de aula.

Eu não queria mais estar sozinha. Desde os nossos ancestrais até hoje, a gente está sempre nas possibilidades.

**Flávio Lima** – Mônica, me fala da sua experiência com educação antirracista, na prática.

**MÔNICA** – Eu estou entre a professora Karen e a professora Lavini. Sou da primeira turma de cotas do Brasil, na Uerj. Mas há dificuldade na implementação da Lei. Eu acho que tem bolhas. Se eu for olhar só para minha bolha, que é a bolha de uma escola do subúrbio, que percebeu que entender relações étnico-raciais traz lucro, traz visibilidade, traz Ideb. Procurou entender que escola é aquela, que crianças são aquelas. O que mudou a escola foi o Censo de . Sessenta e nove por cento dos alunos da escola se autodeclararam negros ou pardos. E entender que aquela escola não estava trabalhando para aquelas crianças fez toda a diferença. Quando eu cheguei à escola, em , o Ideb era de 3.2; hoje, é de 5.7. Deu um salto significativo! E estou falando de capitalismo, de números. Mas eu estou numa bolha que entendeu a 10.639. Então, nesse sentido, eu estou com as duas, Karen e Lavini: está dando certo, mas estou numa bolha, no Rio de Janeiro, e numa Secretaria que tem uma Gerência de Relações Étnico-Raciais. A criança abre o livro da Prefeitura e vê ali um monte de crianças pretas. Isso me dá alegria. Eu acho que a escola pública dá autonomia para o professor que quer fazer. Então, neste sentido, a escola pública dá um show na 10.639. Mas eu também sei que tem gestão que não quer fazer, tem professor que não quer fazer.

**Flávio Lima** – Especificamente, qual é o tipo de confronto entre os grupos neopentecostais e a educação antirracista na escola?



Entrevista no CASARTI – Casa do Artista Independente Da esquerda para a direita: Profª Mônica Aniceto – Profª – Lavivi de Castro – Profª Karen Lamego – Prof. Flávio Lima

**LAVINI** – Essa é uma questão em que a gente pode falar de aparato ideológico. É a ideologia – mais que ideologia – é a crença. Você vê que são famílias afro-brasileiras que estão com um discurso muito conservador e até sendo fundamentalistas dessa visão judaico-cristã, que não conseguem enxergar potencial criativo, potencial narrativo de uma outra visão do mundo. Não tem como você chegar para essas famílias com essas culturas e religiosidade e falar “você é preto e tem que valorizar sua ancestralidade”, não vai ser por aí. Então, você entra numa questão de disputa de visão de mundo, de cultura e muitas das vezes as pessoas pensam que a aplicação da Lei 10.639 é para impor uma questão religiosa. Acreditam que a Lei é para ensinar religião. Quando você fala da cultura iorubá, sobre valores civilizatórios afro-brasileiros, por exemplo, logo pensam: meu filho vai aprender macumba. Certa vez, fui chamada para uma escola do Ensino Médio, onde muitos jovens eram negros, os quais me disseram: “Eu não vou ficar nessa aula não. Eu não estou aqui para aprender macumba”. E eu não estava de turbante ou alguma coisa que pudesse chamar atenção para uma característica de estética cultural afro-brasileira. Então é muito complicado, porque você está na luta do discurso, é a disputa do discurso. A tensão sobre ensinar ou não isso vai acontecer, precisam entender que são aspectos culturais. Uma coisa é educação familiar, outra coisa é ensino sobre diversidade. Então, cada professor, de forma pedagógica, deve acolher o aluno e buscar um outro caminho. Exemplo: “Por que você não quer aprender? Olha como o mundo é diverso! Existe isso, existe aquilo, várias visões de mundo!”. A abordagem deve ser de acolhimento, de forma pedagógica deve-se buscar outro caminho. Isso, para não perder o aluno e não perder a família. Então você acolhe e pergunta: é mesmo? Concluindo: é muito complicado, mas existe uma insistência, pedagógica, sobre diversidade.

**Flávio Lima** – Então, pelo que podemos entender, a Lei 10.639 foi promulgada há mais de vinte anos e, até hoje, há entraves e resistências para a sua implementação.

Sobre o autor: **FLÁVIO LIMA** é professor, geógrafo, compositor musical e gestor cultural. Produziu e lançou em 2022 o documentário “A cor do vil”, disponível no youtube em <https://www.youtube.com/watch?v=wZv4wK2wUWs>

# Novos Diálogos Suburbanos

## Os amigos da Lis

Rose Araujo

Os Amigos da Lis surgiram, profissionalmente, na década de 1990 na agenda Infantil Os Amigos da Lis - 365 Dias de Ética. Esse trabalho, de certa forma, norteou o conteúdo das tirinhas, pois falava sobre ética, amizade e solidariedade.

A forma inovadora dos personagens apareceu quando decidi geometrizá-los e abolir os olhos, a boca e o nariz. A intenção era de que eles só ficassem prontos na cabeça do leitor que teria que imaginá-los como eles são. A formação inicial era de seis personagens (Lis, Mel, Rei, Tai, Zil e Sal), mas em março de 2021 surgiu a Luz para falar de amor-próprio, empoderamento e antirracismo.



Sobre a autora: ROSE ARAUJO é quadrinista, escritora e designer. Publicou Os Amigos da Lis no Jornal Extra (Revista Canal Extra - RJ), Jornal Brazilian News, atualmente, Notícias em Português (Londres - Reino Unido) e Brazilian Times (Nova Iorque, Massachusetts e Flórida - EUA). No início de 2006, foi convidada para ser uma das representantes do Brasil na exposição As Mulheres Criadoras e a Arte da Caricatura, que contava com a participação de 42 desenhistas de 23 países e percorreu até 2011 diversos países.

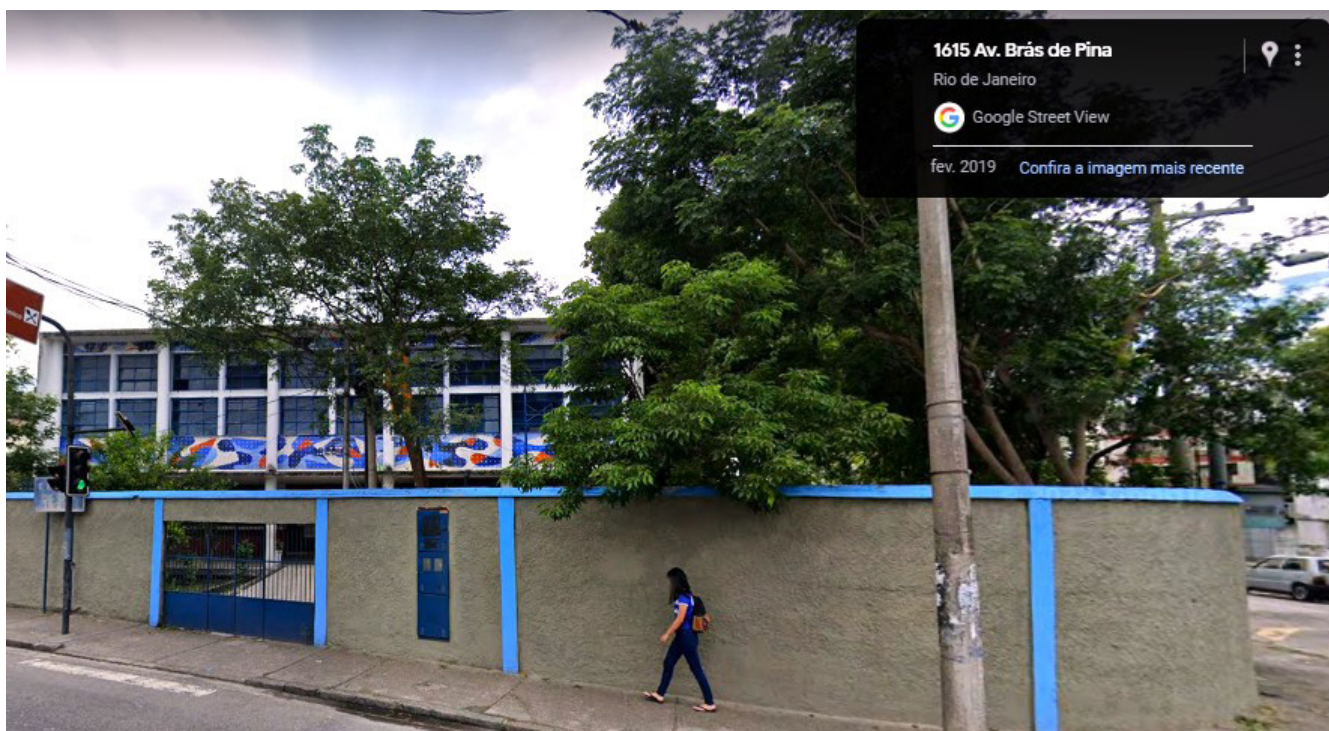
## Educação voltada à preservação do patrimônio: um olhar sobre a arquitetura dos subúrbios

Geanine Souza

A demolição do conjunto arquitetônico do Largo do Campinho foi uma perda irreparável. Este grupamento de edificações construídas em 1914 teve seu tombamento decretado em 2004, todavia esta proteção foi retirada em 2010 em razão da construção do BRT - Transcarioca. Tal acontecimento foi prova cabal de que o tombamento por si só nem sempre é o suficiente para a salvaguarda de bens de alta relevância histórico-cultural.

Na época, houve mobilizações contra a demolição daqueles prédios tão representativos da belle époque carioca. Os esforços foram louváveis, mas não evitaram o pior. Os edifícios desapareceram. Situações como essa deixam claro o quão é importante estabelecer uma conexão mais forte entre a comunidade e sua herança arquitetônica.

A Educação voltada à preservação do patrimônio tem papel fundamental na criação deste elo, pois ela, em razão de seu caráter metódico, tem o poder de mobilizar cidadãos e cidadãs de modo mais efetivo rumo ao entendimento de que somos fruto de processos históricos dentro dos quais somos ao mesmo tempo atores e espectadores.



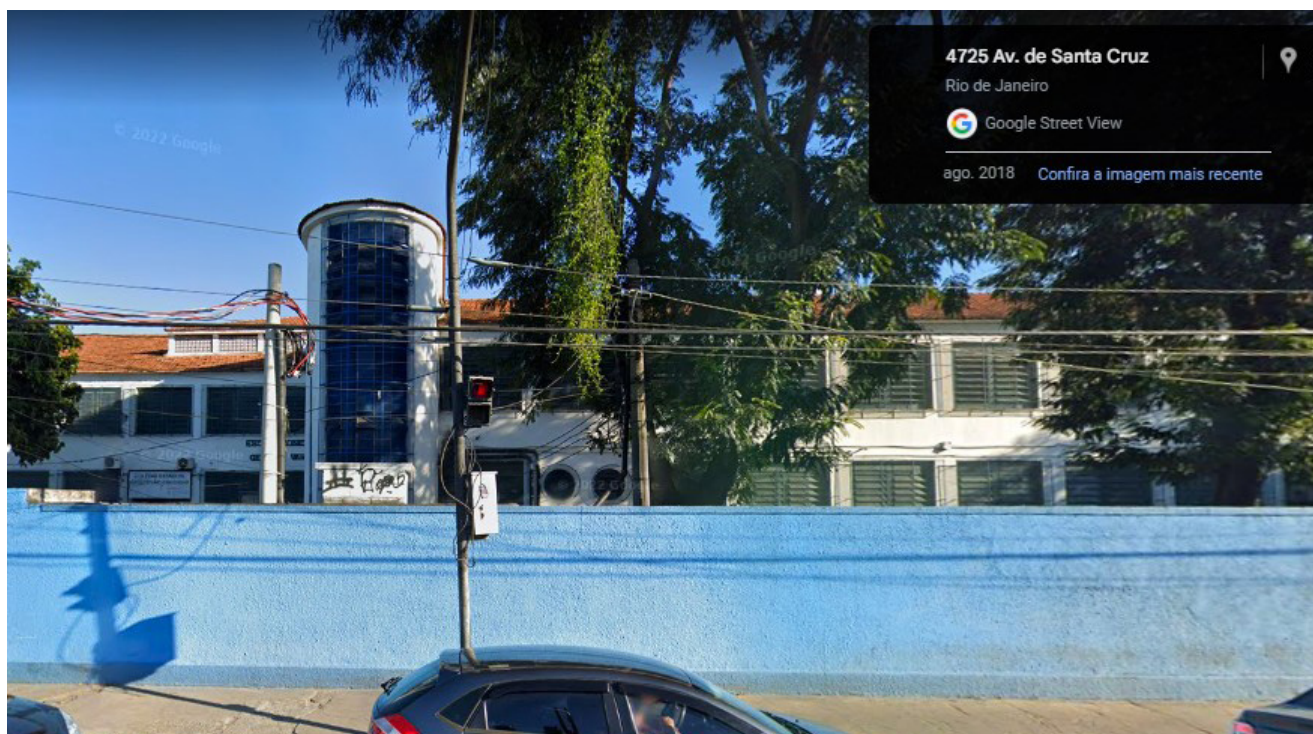
Escola Grécia, Villa da Penha – fonte: google maps

A própria escola é um bom começo para esta experiência, haja vista a arquitetura escolar ser uma das que mais contribuem para a aproximação entre a população e grandes tendências arquitetônicas como, por exemplo, o Modernismo, o Neocolonial, o Ecletismo e o Art Déco.

Essas informações, que na maioria dos casos são pouco exploradas pela comunidade escolar, influenciam na propagação de estilemas e referências visuais que no contato com a arquitetura popular criam novos modos de interação com o espaço.

Neste sentido, é bem provável que o fluir das formas que bailam no painel na fachada da Escola Grécia tenham inspirado de algum modo aqueles que circulam pelo local. O vigoroso mural, bem como o projeto arquitetônico da escola, têm a assinatura de Rosthan de Faria (1909 – 1969), arquiteto responsável por vários projetos modernistas nas escolas do Rio.

O Modernismo ampliou o repertório estético das massas, estimulando uma nova concepção do espaço, contudo seu caráter libertário não era bem aceito por todos. Neste caso, o Art Déco, com sua modernidade ligada à indústria e ao trabalho, foi a opção.



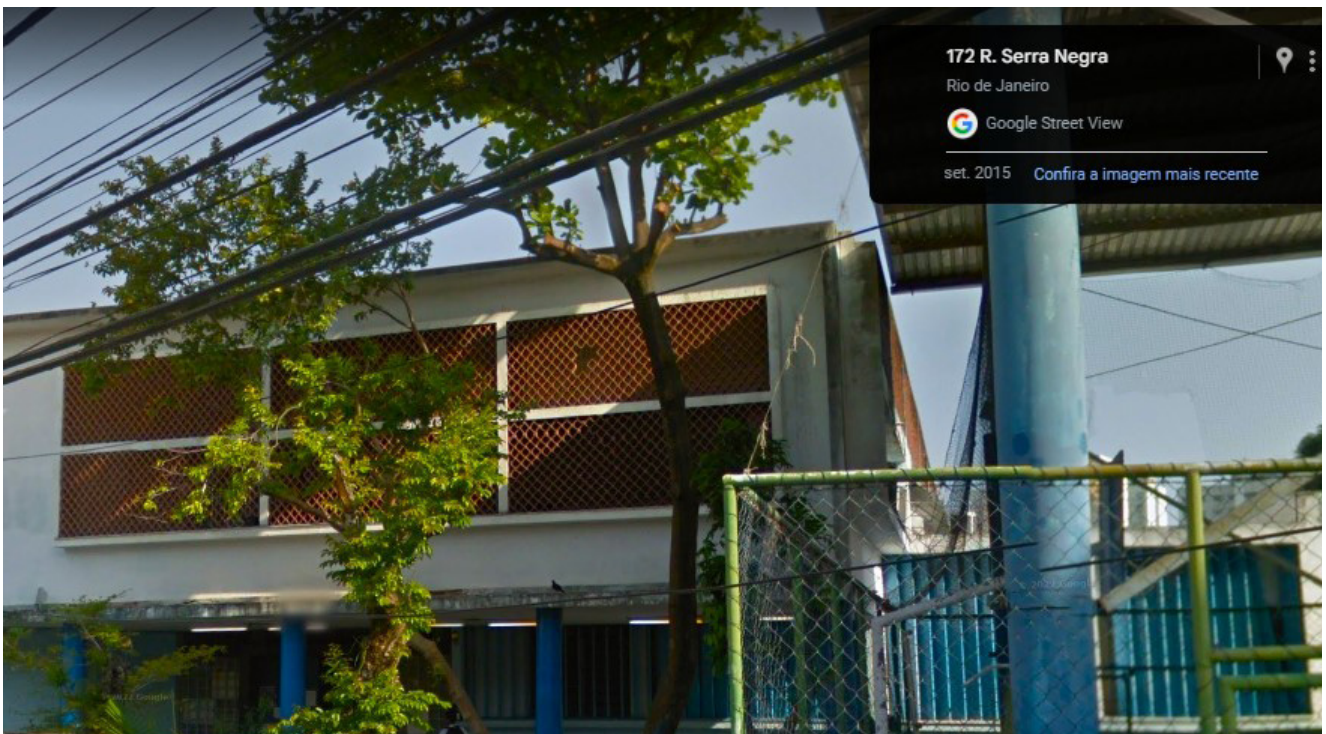
Escola Municipal Getúlio Vargas, Bangu – fonte: google maps

A Escola Municipal Getúlio Vargas, construída em 1935, talvez tenha sido o primeiro contato com as linhas déco para muitas pessoas. Com seu imponente corpo cilíndrico avançado, ela é uma referência do Art Déco Náutico. Vale salientar que na Era Vargas o Art Déco foi utilizado como instrumento nos programas de unificação nacional.

O contrário também acontece. A arquitetura oficial por vezes recorre à arquitetura popular para solucionar problemas técnicos. É o que se vê na Escola Municipal Pio X. Lá foram usados os cobogós, herança da arquitetura islâmica, para regular a temperatura ambiente.

O reconhecimento desta troca entre a arquitetura acadêmica e não acadêmica é necessá-

rio, uma vez que a absorção de informações estéticas sem uma apreciação crítica é a condição ideal para que se instalem práticas gentrificadoras. A gentrificação passa a raso as vivências, saberes e locais de pertencimento, nos tornando refêns de um padrão estético aceito passivamente como indicador de progresso.



Escola Municipal Pio X, Tanque – fonte: google maps

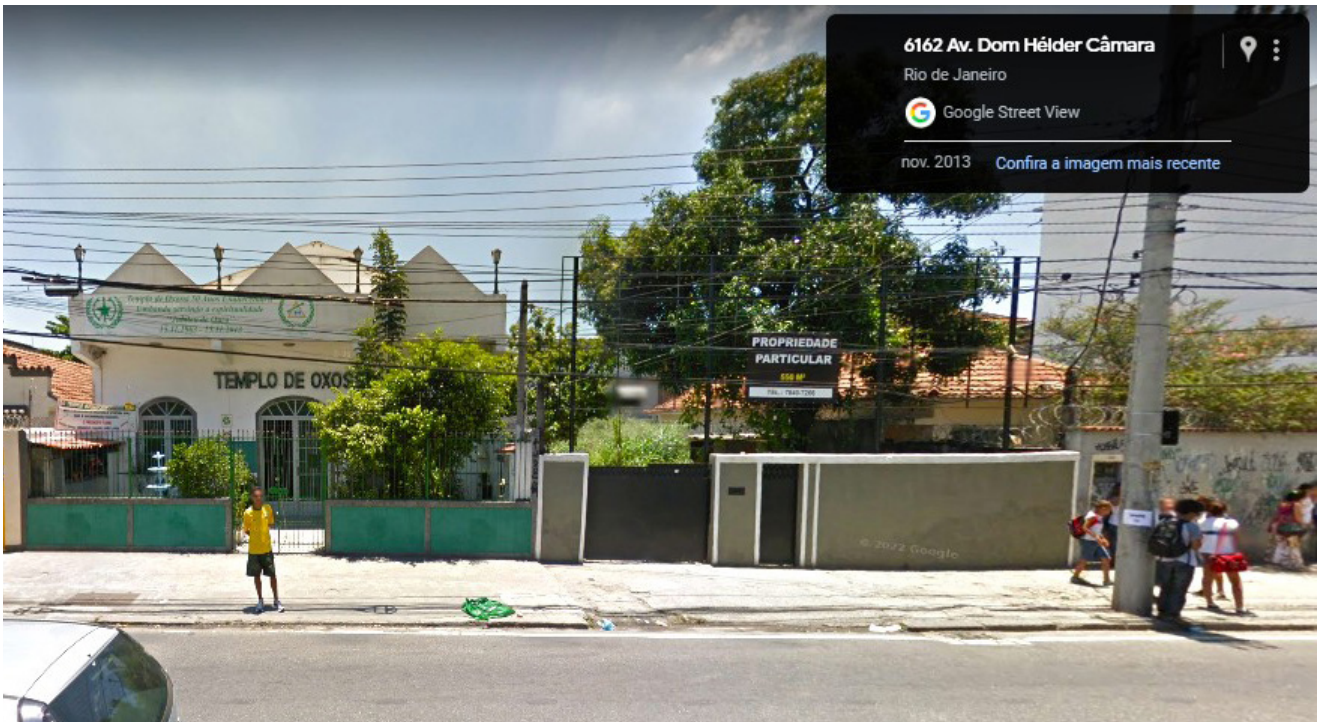
Do ponto de vista prático, a educação voltada à preservação do patrimônio teria muito a contribuir no sentido de sensibilizar os educandos em relação a uma visão mais profunda do aparato arquitetônico que os cerca. Neste olhar, não caberiam classificações estilísticas estáticas, afinal os estilos materializam no espaço complexas propostas políticas que incidem diretamente sobre a vida de todos.

Note-se o período eclético. Ele é marcado pela entrada dos valores democráticos em uma sociedade recém-saída da monarquia e do sistema escravagista. Todavia, ao que parece, essa transição não ocorreu como deveria, já que pari passu à construção das sofisticadas casas de porão elevado, outras eram erguidas sem qualquer infraestrutura. Deste modo, não se pode falar em arquitetura eclética sem falar na gênese das favelas.

Neste diapasão, o Neocolonial tem muito a mostrar sobre a sociedade brasileira. Nos anos 1930 ele deu corpo à relação do Brasil com a política norte-americana da Boa Vizinhança. Particularmente no Rio, onde ele é frequente nas casas de projeto padronizado da Era Vargas, pouco se comenta que as simpáticas “casinhas de vó” faziam parte de um conjunto de ações que visava “acabar com a promiscuidade macabra das favelas”. A expressão utilizada pelo interventor Henrique Dodsworth sintetiza muito bem a visão preconceituosa que as autoridades governamentais tinham do modo de vida dos menos favorecidos.

Um outro ponto sério a ser trazido ao ambiente educacional refere-se ao patrimônio arquitetônico religioso. Os subúrbios contam com obras consagradas como a Igreja da Penha,





Templo de Oxóssi, Pílares – fonte: google maps

mas é urgente voltarmos nossos olhares para expressões arquitetônicas menos conhecidas tais como o Templo de Oxóssi em Pílares. A instituição religiosa é uma experiência arquitetônica rara, por se tratar de uma das poucas que traz elementos sugestivos da estética africana em sua estrutura arquitetônica. No caso, a platibanda recortada com as luminárias. O usual nos locais de cultos de religiões de matriz africana é que se faça a distinção entre o espaço sagrado e o profano por meio da utilização de quatinhas, faixas e outros elementos que não interferem diretamente no corpo da edificação. Tal prática se deve à intolerância ostensiva que desestimula a exploração de uma gramática arquitetônica própria do mesmo modo que possuem as religiões mais sintonizadas com as estruturas de poder.

As ideias aqui apresentadas tiveram por objetivo incentivar aqueles que militam na área educacional a verem no patrimônio arquitetônico suburbano uma ferramenta de luta por uma construção coletiva dos subúrbios enquanto potência. A paisagem arquitetônica suburbana, que tantas vezes se perde na banalidade do dia a dia, clama por um posicionamento mais efetivo da sociedade rumo à sua preservação.

Sobre a autora: **GEANINE SOUZA** é graduada em Arte-Educação/Artes Visuais pela Universidade de Brasília e Especialista em Linguagens Artística e Educação pela Faculdades de Artes Dulcina de Moraes FA FBT.

## Quem é do axé pode dizer que é?

Bruna Marques Cabral

O presente artigo visa discutir o impacto da violência às religiões de matriz africana, na região de Brás de Pina e adjacências, sobretudo as perseguições sofridas por docentes e discentes integrantes do referido segmento religioso. Diante desse cenário, é possível assumir sua fé e se dizer do axé?

A partir do final dos anos 70 do século XX, novos atores sociais na cena política, protagonizados pelos movimentos populares, sobretudo os ligados ao gênero e à etnia, passaram a reivindicar maior participação e reconhecimento de seus direitos de cidadania. Entre esses movimentos sociais, podemos indicar o movimento indigenista e os da consciência negra, que lutam contra quaisquer formas de preconceito e discriminação racial, bem como pelo direito à diferença, pautada no estudo e valorização de aspectos da cultura afro-brasileira.

É nesse contexto que se insere a questão relativa à valorização da diversidade étnico-cultural de nossa formação no sistema educacional brasileiro, no qual desponta a inserção de temáticas e conteúdos programáticos sobre a história da África e sobre as culturas afro-brasileira e indígena. Assim, consideramos de fundamental importância o cumprimento das leis 10.639/2003 e 11.645/2008 na educação básica, por sabermos que a instituição escolar tem um papel fundamental no combate ao preconceito e à discriminação, porque participa na formulação de atitudes e valores essenciais à formação da cidadania de nossos educandos.

Trazendo para a realidade de Brás de Pina e seu entorno, enfrentamos um problema que vai além da implementação das referidas leis nas escolas, ou seja, o impacto do Complexo de Israel na região. Trata-se de um conjunto de favelas, liderado por Álvaro Malaquias Santa Rosa, de 34 anos, mais conhecido como Peixão, evangélico e pastor ordenado pela Assembleia de Deus Ministério de Portas Abertas. Entre os moradores da comunidade de Parada de Lucas, o referido líder tem filiação evangélica conhecida por todos

Nesse sentido, o Terceiro Comando Puro se fortalece no cenário do narcotráfico do Rio de Janeiro, avançando em favelas e periferias de seu domínio territorial, com o seguinte slogan: “Jesus é o dono do lugar”. A facção liderada pelo pastor se torna a segunda maior organização do narcotráfico do estado, perdendo somente para a sua maior rival, o Comando Vermelho. Dentro desse contexto, em novembro de 2016, a comunidade da Cidade Alta deixou de ser um território do Comando Vermelho e foi conquistada pelo Terceiro Comando Puro,

especificamente pela Tropa do mano Arão. Ocorreram alguns conflitos e resistências, até que Cidade Alta, Pica-Pau e Cinco Bocas se unissem a Parada de Lucas e Vigário Geral, dando início ao chamado Complexo de Israel. Este foi fundado e administrado por Peixão e avança para algumas favelas dos municípios de Duque de Caxias e Nova Iguaçu, situados na Baixada Fluminense.

De acordo com Costa (2021), os moradores dos referidos territórios receberam uma carta-manual, em que se comunicava a troca de facção e as diretrizes destes que chegam em nome de Deus, devolvendo a comunidade para o morador, desde que eles sejam seus administradores. Um outro aspecto importante, foi a adoção da bandeira de Israel e a estrela de Davi como símbolo do Complexo de Israel, a partir do marco da conquista da Cidade Alta e adjacências. As demais comunidades conquistadas posteriormente também são identificadas como território simbólico sagrado de Israel no Rio de Janeiro.

Discentes moradores nas comunidades que fazem parte do Complexo relatam diversos casos de intolerância religiosa, tais como: fechamento de terreiros de umbanda e candomblé; expulsão de pais e mães de santo da região; proibição de os adeptos de religiões de matrizes africanas andarem com suas vestimentas, com seus fios de conta, de realizarem suas oferendas; e até mesmo impedimento aos moradores de receberem cestas básicas e quentinhas distribuídas pelos templos de cultura afro-brasileira. Em suma, vivemos em uma sociedade marcada pelo racismo estrutural, onde as religiões como a umbanda e o candomblé continuam sendo demonizadas e obrigadas a criar estratégias de sobrevivência para a manutenção da cultura ancestral. E seguimos questionando: quem é do axé pode dizer que é?

## REFERÊNCIAS

COSTA, Viviane. Jesus é o dono do lugar: o Deus do traficante em disputas territoriais cariocas. Dissertação de Mestrado. São Bernardo Campo, 2021.

OLIVEIRA, Dalila Andrade. “A educação básica na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: breve balanço sobre a organização escolar e o trabalho docente”. In: SOUZA, João Valdir Alves (org.). Formação de professores para a educação básica: dez anos da LDB. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

RIBEIRO, Jakson dos Santos. O ensino de história local na sala de aula: Fontes, objetos e metodologia. Paraná: Editora Atena, 2021.

SANT’ANNA, Cristiano; SILVA, Isadora da. Pensando diferença religiosa no combate ao racismo religioso. Revista Plura, v. 11, n. 1, 2020, p. 128-143.

Site: Mapa dos grupos armados do Rio de Janeiro – NEV USP. <http://nev.prp.usp.br/mapa-dos-grupos-armados-do-rio-de-janeiro> Acesso em: 15 de maio de 2023

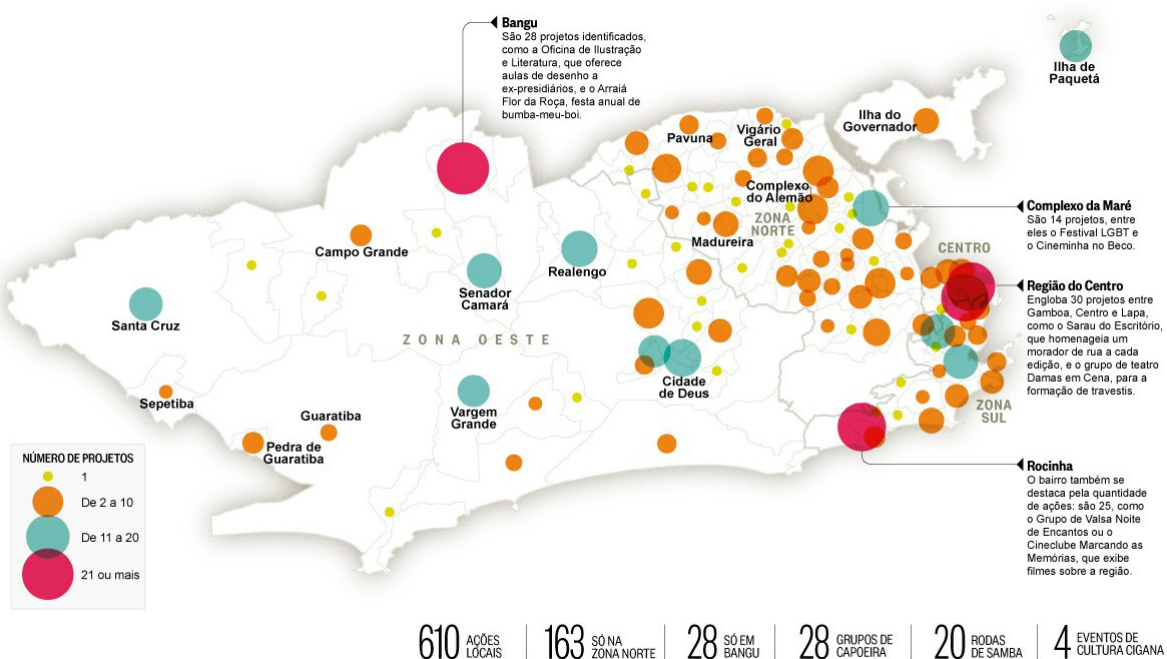
Sobre a autora: **BRUNA MARQUES CABRAL** é Doutora em História pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Membro do Conselho Científico da Associação Brasileira de História das Religiões (ABHR). Coordenadora Geral do Laboratório de História das Experiências Religiosas (LHER- UFRJ). Professora de História da Rede Municipal de São João de Meriti e da Rede Estadual do Rio de Janeiro. E-mail: [brunaclio@uol.com.br](mailto:brunaclio@uol.com.br).

## Swing de Campo Grande

Priscilla Rodrigues Fonseca Moura

Identifico-me com milhares outros que nasceram na periferia da cidade do Rio de Janeiro. Sou de Campo Grande, bairro localizado a cinquenta quilômetros de distância do Centro. Aqui, neste texto, faço um relato pessoal de conclusão da minha tese de doutorado, defendida em 2021, baseado nas teorias que nela desenvolvi.

Quando fui morar em Niterói para realizar minha graduação em geografia na Universidade Federal Fluminense (UFF) - já que o deslocamento diário até a cidade vizinha seria bastante demorado - percebi uma mudança drástica no discurso que eu defendia, de que “Campo Grande tinha tudo”. Deste novo lugar, passei a vivenciar meandros da minha própria cidade. Praias, teatros, museus e diversos tipos de lazer foram sendo literalmente des-cobertos ao longo desses anos. Fui me dando conta de que eu não conhecia o Rio para além da região do meu entorno. De fato, pesquisas anteriores, como as minhas próprias, lançaram luz ao aspecto centralizador do bairro-região, considerando-o uma centralidade-periférica para a Zona Oeste e para outras cidades, levando a uma “imobilidade” geográfica da população. Na verdade, antes da UFF, os teatros e os museus não me faziam tanta falta assim, realmente, eles não chegavam até a mim em número suficiente, como o mapa abaixo demonstra.



Mapa cultural do Rio de Janeiro Fonte: <http://infograficos.oglobo.globo.com/rio/mapa-cultural-do-ri-o.html>. Infográfico-co: Walter Moreira e Daniel Lima/Editoria de Arte. Acesso em 24 set. 2019.

Converso com Bourdieu (1983) a respeito dessa experiência. O autor salienta que o universo escolar é o dispositivo mais poderoso de dominação e de ruptura. A mudança de cidade, primeiramente, alterou radicalmente meu tempo de deslocamento. Tornou-se muito mais rápido ir de Niterói à maioria dos locais centrais do Rio de Janeiro. O autor defende que a ampliação de uma certa experiência pode carregar elementos que nos fazem romper com ou nos subordinar a um novo habitus, que seria a incorporação de preferências ligadas a uma posição na estrutura de classes. Ou seja, eu estava adquirindo um capital cultural que me proporcionou ter vontade de experimentar outras formas de viver a cidade que eu não valorizava e/ou não conhecia e que, de certa forma, estavam associadas à posição social do estudante universitário de classe média branca.

A partir desse lugar, minha opinião sobre Campo Grande mudou completamente. Se antes eu dividia um discurso parecido com o dos meus vizinhos, se encontrava lazer e serviços ao meu redor, agora via uma grande “imobilidade” na possibilidade de viver a urbe e suas amenidades. Os problemas com transporte público e os longos deslocamentos para encontrar os novos amigos revelaram a perspectiva contraditória de enxergar a centralidade que o bairro proporcionava pari passu a suas inúmeras limitações, muitas delas associadas à clássica visão do que são as periferias urbanas, como apontam os estudos de Abreu (1981) e Kowarick (1983). E, assim, durante uma aula do mestrado sobre Bourdieu, me dei conta de que eu havia não só absorvido um novo habitus, mas tinha a ele me subordinado. O desejo de me “centralizar” na cidade era legítimo? Estaria eu negando minha origem e negligenciando formas de mudar a realidade? Onde estavam o rompimento e a crítica?

Dessa forma, me pergunto, a partir de todas essas experiências acumuladas e sentidas de modo contraditório e crítico: o que significa, de fato, ser periferia e estar na periferia? O que é a periferia hoje? Como a população periférica enxerga sua própria situação, seu lugar na cidade? Como classifica o espaço? É possível encontrar formas de vivência e experiência que rebatam a ideia clássica de periferia? Qual tipo de produção do espaço social está sendo gestada ou realizada que foge a essa forma de pensar o espaço?

Por isso, no fim de uma longa trajetória construída desde a monografia, eu posso dizer que me orgulho da pesquisa que desenvolvi para me tornar doutora. Eu me orgulho do caminho que trilhei. Eu vim dessa periferia sobre a qual escrevo e só via coisas ruins. Tudo o que eu estudava me fazia ter vontade de ir para a centralidade que ela não podia me dar, de buscar o capital que lá não encontrava, um habitus tão desejado. Eu não aguentava mais ter de ir para outros lugares para assistir a um filme legendado, ver uma peça, uma exposição. Eu queria que Campo Grande virasse o Centro, eu queria que “melhorasse”.

No entanto, a tese me trouxe de volta. Me levou a saudade, a nostalgia. Porque eu sou essa periferia. Não importa aonde eu vá, eu carrego comigo um sentimento de pertencimento, de comunidade que eu nunca encontrei em nenhum outro lugar, exceto na minha mãe.

*Por isso onde quer que  
Eu ande em qualquer pedaço  
Eu faço  
Um Campo Grande  
(GALVÃO; MOREIRA; CANTOR, 1972).*

E quando eu vejo o movimento das pessoas decidindo ficar ou retornando pra esse lugar que em algum momento eu repudiei, cuja essência desejei mudar, me sinto demasiadamente feliz. Por algum tempo, fui resoluto. Eu não queria estudar Campo Grande mais uma vez. Afinal, desde 2010 foram muitos artigos, duas monografias, a dissertação... E eu dizia: chega, não quero mais! Contudo, humildemente, eu confesso, eu também retornei.

Retornar é reconhecer meu caminho, é andar no calçadão e ver para além de uma multidão de gente, do calor, da gritaria dos carros de som, dos papezinhos de propagandas de dentista e cabeleireiro voando, da galera vendendo o “chip da Tim”. É ver vida, luta cotidiana silenciada, histórias que se passam em lugares ordinários. E isso é permanência, é pulsão, é emoção, é rompimento com significados que não nos definem. Por isso, para mim, tentar enxergar a periferia por ela mesma e a partir dela se tornou também meu modo de exaltá-la.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Maurício de Almeida. Contribuição ao estudo do papel do Estado na evolução da estrutura urbana. *Revista brasileira de geografia*, v. 43, n.4, p.577-585, 1981.
- BOURDIEU, Pierre. Gosto de classe e estilos de vida. In: ORTIZ, Renato (org.) Pierre Bourdieu. São Paulo, Ática, 1983. p.82-121.
- FONSECA, Priscilla Rodrigues. Por outros sentidos de periferia: o caso de Campo Grande, Rio de Janeiro. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro-RJ, 2021.
- GALVÃO, Luis; MOREIRA, Moraes; CANTOR, Paulinho Boca de. *Swing de Campo Grande*. Rio de Janeiro: Estúdio Somil: 1972. 3:10.
- GIFFIN, Karen Mary. Produção do conhecimento em um mundo “problemático”: contribuições de um feminismo dialético e relacional. *Estudos feministas*, v. 14, n. 3, p. 635, 2006.
- KOWARICK, Lúcio. *A espoliação urbana*, Paz e Terra, São Paulo, 1983.

Sobre a autora: **PRISCILLA FONSECA** é nascida e criada em Campo Grande, periferia do Rio de Janeiro. Formada em Geografia e doutora em Planejamento Urbano e Regional. Os deslocamentos, sempre longos e desgastantes, cumpriram um importante papel na construção da sua relação com a cidade, influenciando suas escolhas acadêmicas. É voraz escritora de diários, encontra alívio no mar e no caos da cidade.

## Memórias de uma infância de subúrbio: a dura e decisiva batalha da educação

Jubdervan Viana da Costa

A possibilidade mais efetiva de melhoria das condições de vida e do exercício pleno da cidadania dos suburbanos filhos da pobreza, neste país de desigualdade abismal, é a educação. Pode-se dizer que este ou aquele se destacou através do seu talento no futebol; ou que sua arte em representar, compor ou cantar, o fez despontar no teatro, na tv ou na música; ou que uma excepcional habilidade para o comércio e os negócios o fez progredir e se consolidar em bom padrão social. Mas, em qualquer caso, terá sido uma gota no oceano, um exemplo raríssimo, um caso em milhares.

Os anos 1960 foram um tempo de ampliação de parte da educação fundamental. Muitas escolas públicas foram abertas naqueles anos, de modo que não faltavam vagas para o curso primário.

Havia um processo de mudança, no qual na minha família seria um padrão. Sou o caçula de uma turma de onze filhos nascidos e oito criados, já que três irmãs faleceram ainda bebês ou logo nos primeiros anos de vida. Os cinco mais velhos estudaram em escola rural, uma criação de duas ou mais décadas anteriores e que consistia basicamente em ensino agrícola, ou seja, plantar e colher, sendo o objetivo de aprender a ler, escrever e

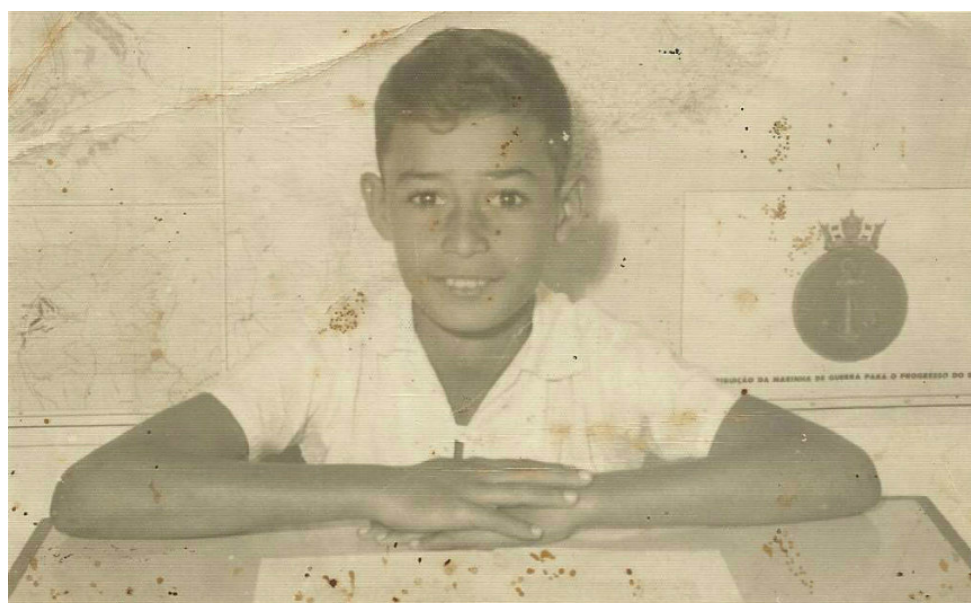


Foto 1ª na escola com corte - Jubdervan Viana da Costa (acervo do autor)

contar quase um resultado secundário ou acessório. Este modelo, ao que parece, vem do período em que o subúrbio era considerado um espaço ainda não densamente povoado entre o urbano (centro histórico e suas cercanias) e o rural, área de fazendas para a produção ostensiva de alimentos e matérias primas (algodão, por exemplo) e criação animal. Se o subúrbio era, então, o lócus da produção de alimentos para a cidade, o sistema educacional era preponderantemente o treinamento para realização do ofício.

É de se registrar que havia no meio familiar um não consenso sobre o valor da educação formal na vida dos filhos. Meu pai, por exemplo, dizia explicitamente que deveríamos frequentar a escola primária com disciplina e dedicação para aprender a ler e escrever adequadamente, mas a partir daí deveríamos nos dedicar ao trabalho para ajudar a sustentar a família. Minha mãe sonhava alto com o desempenho escolar dos filhos. Falava que deveríamos estudar para sermos doutores ou então militares de alta patente. Acompanhava com atenção e, às vezes, fazia um esforço hercúleo para continuarmos estudando. Quando meu irmão, sete anos mais velho que eu, não logrou passar no concurso para o ginásio público, ela bancou, a contragosto de papai, a matrícula e as pesadas mensalidades do ginásio particular até que, no ano seguinte, meu irmão passou no processo seletivo para as poucas vagas abertas para a segunda série do curso ginasial.

O ensino ginasial começava a se expandir, mas ainda muito lentamente, de forma a permitir que somente alguns de nós pudessemos dar continuidade aos estudos nesta passagem que era um gargalo terrível e que barrava a maioria.

A dificuldade de acesso aos ginásios públicos era tão grande que muitas famílias pobres aceitavam, ainda que sofridamente, a conclusão do ensino primário como um desempenho aceitável de desenvolvimento educacional de seus filhos. O concurso de admissão ao ginásio era quase um vestibular dos dias atuais. As provas eram difíceis para os alunos das escolas públicas, que constituíam a esmagadora maioria, de modo que os aprovados, se tanto, representavam 1/3 dos concluintes do curso primário. Os ginásios particulares cobravam mensalidades caras para os padrões de vida médio das famílias, sendo então acessíveis a poucos e ainda assim, na maioria dos casos, de pior qualidade que os públicos.

Portanto, havia evidências de que, para muitos, boa parte do sucesso ou fracasso na vida escolar seria jogada no momento de admissão ao ginásio, ali, no ano de conclusão do curso primário ou, no máximo, no ano seguinte, para quem conseguisse pagar um curso preparatório ao concurso de admissão. Nos limites geográficos de Bangu, havia, então, uma única unidade pública de ensino oferecendo o curso ginasial, o Colégio Estadual Professor Daltro Santos, uma escola tradicional na região e que gozava de bom conceito. A rede privada, por sua vez, era formada por seis a dez estabelecimentos.

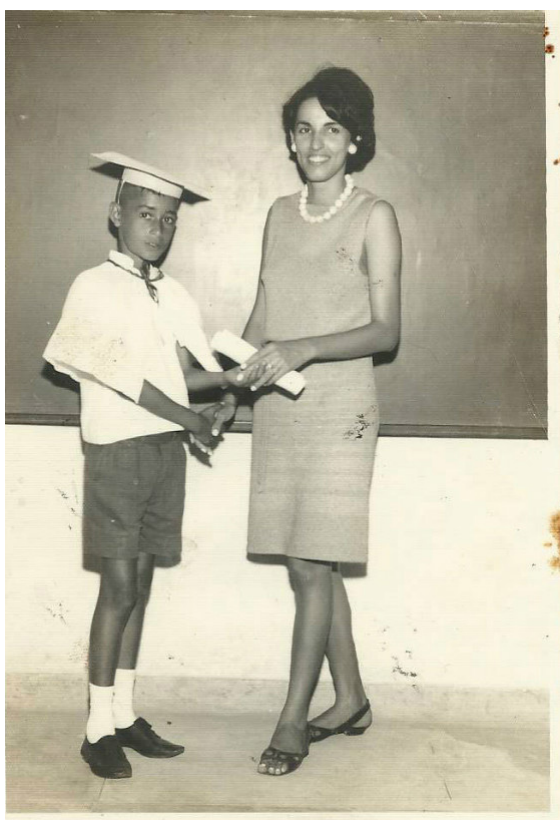
O final do ano de 1966, aos onze anos, foi o meu momento de enfrentamento deste difícil obstáculo. Até poderia arrefecer minha ansiedade e reconhecer que era o caçula temporário de uma família de muitos filhos, em que o irmão imediatamente mais velho já estava com dezesseis anos, o seguinte com dezoito, servindo ao Exército e os outros já trabalhando regularmente e que, dessa forma, se fosse necessário, a família faria um esforço



para pagar uma escola particular para eu estudar no ginásio, pelo menos por uns tempos. Gostava de pensar que a situação financeira do grupo familiar, naquele momento, poderia ser sintetizada na frase: as vacas ainda eram magras, mas de suas tetas saiam um pouco mais de leite. Contudo, a realidade era mais complexa: Primeiro, precisava daquela vitória difícil para conquistar a autoestima capaz de me impulsionar com ímpeto em projeto ambicioso de desenvolvimento estudantil. Segundo, a melhoria das condições econômicas da família não era tão estável. Isto porque, quando os mais velhos começavam a trabalhar, passavam sim a contribuir financeiramente para a família, o que provocava um alívio nas contas. Contudo, com frequência, o membro adulto logo se casava e sua bem vinda contribuição cessava.

Então, não podia me deixar iludir: o mínimo de segurança que precisava para avançar nos estudos era, naquele momento, ser aprovado no concurso de admissão e me matricular num ginásio público. Para tanto, contei com a santa ajuda de duas mulheres espetaculares: a minha mãe e a Dona Célia; esta, professora da última série do curso primário na Escola O'Higgins. As duas organizaram um sistema de reforço de estudos para o concurso de admissão, com o qual a generosa professora gratuitamente duplicava seu turno de trabalho dando aulas à tarde, na copa da minha casa, para um grupo de oito a dez colegas ansiosos por conseguirem um lugar ao sol naquele momento crítico da vida escolar. Minha mãe oferecia a infraestrutura de mesa e cadeiras e o suporte, oferecendo um lanche no meio da jornada de estudos.

O resultado dessa empreitada foi muito bom, mais de dois terços de nós conseguiram entrar no curso ginasial em colégio público, o dobro da expectativa normal de resultado.



1ª formatura e Jubbervan Viana da Costa atualmente (acervo do autor)

A par disto, uma derrota muito sentida para os dois colegas que, talvez por nervosismo no dia da prova, não lograram conquistar uma vaga naquele momento.

O dia que tomei conhecimento da minha aprovação foi muito especial. Com a minha mãe ao lado, procurava nas listagens em ordem alfabética afixadas no mural no pátio do colégio, quando avistei a linha do meu nome e nas três colunas seguintes, respectivamente, nota em Matemática: 7, nota em Português: 6 e Resultado: Aprovado. Minha mãe sabia ler e escrever, mas por temer ser traída por aquelas folhas datilografadas com tantos nomes e números próximos, mandou que eu lesse de novo acompanhando com o dedo a linha do meu nome.

Após a confirmação, minha mãe, sempre tão discreta nas demonstrações de contentamento, curvou-se ligeiramente e me abraçou com força e longamente. Fiquei felicíssimo: Em primeiro lugar, por óbvio, por vencer em momento tão importante, mas também por ter dado alegria àquela boa mulher. Quando satisfeita com as minhas ações, ela dizia para mim: “Venha cá, meu filho!” e, ao me aproximar do seu corpo, ela me enlaçava o pescoço, beijava minha cabeça e rapidamente completava: “Agora, vai tomar banho”, ou “Agora, vai estudar”, ou “Agora, vai dormir”. Então, aquele abraço tão duradouro me deu uma alegria imensa. Mas, como era do seu estilo, ao me soltar, falou: “Você agora já tá no ginásio, já é um rapaz, não pode mais ficar o dia todo na rua. E complementou: “Estuda bastante, tá bom, meu filho? Isso que é importante para você e deixa sua mãe feliz.”

Sobre o autor: **JUBDERVAN VIANA DA COSTA** escreveu o livro “Memórias de uma infância de subúrbio Bangu: o bairro que meembalou”, de onde este depoimento foi extraído. Filho de um operário da Fábrica do Realengo e de uma lavadeira e caçula da família. Economista e professor aposentado; pós-graduado em Administração Pública, lecionou na UFRRJ e em escolas técnicas da Rede Pública do Estado do Rio de Janeiro.

## Travessias: do engajamento estudantil à educação popular nos subúrbios

Etel Oliveira

Sou cria do subúrbio. Durante boa parte de minha infância morei em Madureira, partilhando de momentos alegres e festivos em uma família de afrodescendentes provindos do Vale do Paraíba, em Minas Gerais. Foram bons tempos: brincadeiras na rua, pés descalços e vizinhança amigável. Com os amigos, primos e primas brincávamos de tudo, inclusive de panfletar nas eleições. Nessa época, já dava sinais de um interesse que me serviria de base para formação de uma consciência sociocultural fundamental, sendo útil, anos depois, como norteadora pedagógica no contexto escolar.

No fervor da adolescência, enquanto estudante do Ensino Fundamental, entendi que poderia reivindicar direitos, e notei o quão importante era participar das decisões coletivas como representante de turma; e assim o fiz durante alguns mandatos. Isso potencializou ainda mais habilidades de articulação e de empreendimento. Mas assumir esse papel não foi fácil tarefa. Embora minha relação com a escola em todos os segmentos tenha sido boa, mesclando formação em escolas públicas e privadas, enfrentei situações que hoje denominamos como bullying. Nas escolas por onde passei - a maioria delas situadas no subúrbio - sofri as consequências duras do racismo institucional e estrutural que permearam e me vitimaram durante a infância e a adolescência. Porém, nada disso me paralisou.

Hoje entendo que a vontade de atuar como educadora está intimamente ligada ao passado, quando brincava de professora com meu irmão mais novo e meu primo. Uma vez ouvi na graduação de Pedagogia que nos tornamos professores pelas relações de afetos positivos e negativos que tivemos ao longo da nossa formação. Ao ouvir isso, minha memória veio à tona como se fosse um filme. Vieram todas as minhas referências escolares, desde a antiga Classe de Alfabetização até aquele dia, enquanto aluna de um curso de graduação. Foi então que entendi finalmente o meu papel na educação.

A atuação em sala de aula começou com um projeto de capacitação profissional para jovens e adultos no programa do governo, o PROJOVEM. Mas a maior aventura foi aceitar coordenar professores e alunos em um núcleo de pré-vestibular social da EDUCAFRO - Educação e Cidadania de Afrodescendentes e Carentes - no Parque Madureira. A possibilidade de atuar em Madureira, no lugar ao qual me sinto pertencente, e poder unir o desejo de orientar jovens para entrar na universidade me deixou em êxtase. Foi uma maravilhosa

experiência que durou dois anos e rendeu frutos com alunos inseridos em qualificadas instituições de ensino público, no Rio de Janeiro e no Espírito Santo, como também em universidades particulares como FGV e PUC como bolsistas de um programa de parceria com a EDUCAFRO.

Com a minha atuação no núcleo recebi um convite para compor a equipe do NICA Jacarezinho - Núcleo Independente Comunitário de Aprendizagem - localizado no bairro do Jacaré.

O Núcleo, formado por jovens graduandos e graduados, promove a possibilidade de entrada de jovens pretos e pardos nas universidades, comprometidos com a formação política e sociocultural, rompendo, através da educação, com as expectativas de pobreza.

O novo desafio: atuar na favela considerada mais preta e uma das mais violentas do Rio de Janeiro, onde aconteceu uma chacina bem recente e que hoje recebe atenção do Estado com uma intervenção policial. Com índices graves de doenças respiratórias devido à pouca circulação de ar entre as casas e com precariedade no saneamento básico para uma população a cerca de 80 mil habitantes, coloca o Jacarezinho em números alarmantes de calamidade pública.



Fachada do prédio do NICA (acervo da autora)



Foto com a equipe do NICA 2023 (acervo da autora)

E o que nos toca diretamente enquanto educadores populares e ratifica o nosso trabalho nesse território é o número ínfimo de escolas para a quantidade de crianças e jovens moradores da região e o elevado quadro de evasão escolar criando um abismo para entrada nas Universidades. Apesar disso, o público do pré-vestibular continua sendo oriundo das escolas públicas de ensino médio distantes da favela e de bolsistas de escolas particulares.

O meu compromisso junto à equipe é provocar os estudantes a respeito dos direitos e deveres tais como, direito ao lazer, à cidade, à participação cidadã em sua plenitude. As atividades externas, como aulas públicas, idas ao teatro e ao museu, compõem o calendário do ano letivo do pré-vestibular, complementando a formação cultural do programa pedagógico do NICA. Enquanto pedagoga e educadora popular, me empenho diariamente de forma aguerrida a estimular mudanças na vida de cada indivíduo que encontro nos espaços de aprendizagem e sigo acreditando que a educação no espaço informal é capaz de desenvolver integralmente, à medida que esses jovens compreendem o seu lugar no mundo.



Postagem sobre o impacto da educação para mulheres faveladas

Sobre a autora: **ETEL OLIVEIRA** é pedagoga, educadora popular e jornalista, articuladora de projetos sociais e culturais. mulher do Axé, Coordenadora Pedagógica e Administrativa do NICA Jacarezinho, Membro do Laboratório de Memórias de Relações Étnico-raciais na formação de professores - Labmere- ISERJ

## **A professora inquisidora, a Rosa de Hiroshima e o poema do barquinho agapito**

**(Reconstituição de um crime dentro de sala de aula da Escola Municipal Rodrigo Otávio)**

Ricardo França de Gusmão

Aconteceu em meio à ditadura militar: 1977 ou 1978. Escola Municipal Rodrigo Otávio Filho (ROF), Irajá, Rio de Janeiro. Alguns estudantes, escolhidos pela direção da escola, usavam ombreiras com as letras ‘PE’ (Patrulha Escolar), para vigiar seus colegas. Era propositalmente uma doutrina que espelhava o ‘PE’ de ‘POLÍCIA DO EXÉRCITO’. E, assim, a diretora tinha o seu ‘pelotão’ de informantes para ‘dedurar’ aqueles que fugiam à rígida disciplina imposta.

Eu tinha 9 anos de idade. E ingressei no Ginásio, na ROF, que ministrava ambos os ciclos. Foi mais ou menos quando comecei a escrever poesia. Lembro que era uma criança contemplativa, reflexiva, empírica. Tímido. E o Ginásio, para mim, era avançar 10 degraus na escala do crescimento. Me sentia muito ‘importante’, portanto.

Na primeira aula que tive, de Português, a professora Sônia me encantou. Nome verdadeiro. História verdadeira. Ela levou para sala um rádio-gravador portátil. E nos apresentou a uma música: ‘Rosa de Hiroshima’, letra de Vinícius de Moraes, interpretada por Ney Matogrosso, à época, no grupo Secos e Molhados.

Eu pude sentir o ‘perfume’ da rosa. De uma rosa impregnada de sofrimento. Eu consegui sentir isso. Os versos fortes me marcaram como lâminas. “Pensem nas crianças/Mudas telepáticas/Pensem nas meninas/Cegas inexatas/Pensem nas mulheres/Rotas alteradas/Mas não se esqueça da Rosa... da Rosa (...)”.

Quando a música terminou, Dona Sônia explicou a metáfora do poema. “Gente, essa rosa, não é a rosa que nós conhecemos. Não é uma flor. Ela é a bomba atômica que devastou a cidade japonesa de Hiroshima. e, depois, Nagasaki. A rosa é uma metáfora, analogia ao cogumelo formado pela combustão da bomba”.

E falou de poesia. Antes de terminar a aula, ela lançou um desafio à turma. Um ‘trabalho de casa’. “Quero que cada um de vocês traga para a próxima aula um poema. Pode ser qualquer tema! Ok?!”.

Saí da escola eufórico. Mais sonhador do que antes. A poesia era a criptografia da minha

alma. E a Dona Sônia sabia ler essa criptografia. Passei a semana escrevendo, rabiscando. Rasgando rascunho.

Até que — até hoje não sei por quê!! — peguei o álbum do Walt Disney, uma coleção de figurinhas que marcou a minha geração. Eu e meus irmãos conseguimos completá-lo. Então vi um personagem sem fama. Quase um anônimo no meio de feras como o Mickey, o Pateta, o Pato Donald...

Era um barquinho chamado 'Agapito'. Ele tinha uma carinha na chaminé a vapor, que apitava. E o Agapito foi o tema e o título do meu poema. Manuscrito mesmo. No caderno. Ao terminar o último verso, uma onda de orgulho me ensimesmou. Agora sim! Fiz por onde estar no ginásio! E a segunda aula de Literatura iria me credenciar com o título de poeta da turma 501 (5ª série)!

Dona Sônia chegou em meio a uma expectativa geral. Havia algo de espera no inconsciente coletivo dos meus colegas. “Então, gente? Vocês fizeram o nosso dever de casa?”. Silêncio. Ela insistiu. “Quem fez levanta o dedo!”. E levantei. Olhei para os lados. Mais ninguém. Então era eu e o Agapito.

— Eu fiz, professora!

— Que bom, meu filho. Qual é mesmo o seu nome?

— Ricardo, professora.

— Então, Ricardo, pegue o seu poema e traga aqui na minha mesa para eu ver.

Eu levei o caderno. E permaneci à espera da resposta da Dona Sônia, a seu lado. De frente para a turma. Ela leu atentamente. E sua face foi ficando congelada. Num estado de seriedade. Após ler, ela olhou para mim. Era o momento que eu esperava. Agora ela iria pedir para eu ler o poema em voz alta, para a turma. Mas não.

Garoto — Já não era mais o Ricardo — foi você mesmo quem escreveu esse poema??

— Sim, professora... – Respondi, agora meio confuso. Algo estava acontecendo. Ela aumentou a voz:

— Garoto, você sabe o que é plágio???

— Não, professora...

— Sabia que plágio dá cadeia???

— Não, professora... O que é plágio? – Perguntei. Mas desde aquele momento, plágio devia ser um palavrão, uma coisa muito grave. E tive medo da resposta. Mas afinal, o que eu havia feito de errado?

— Você sabia que copiar poema dos outros é plágio??

— Não, professora. Mas acho que isso é errado... Se eu sei escrever poesia, por que iria copiar de alguém uma coisa que eu sei fazer?

— Olha, eu vou averiguar! Se eu descobrir que você copiou isso de alguém, vou te levar para a direção da Escola! – Terminou arrancando a folha, com o poema, do meu caderno. Eu não tinha cópia.

Sentei envergonhado. Meio que desviando dos olhares agora de desconfiança. Como se me acusassem de um crime. Baixei a cabeça. Mais tarde, no banheiro da escola, chorei pela primeira vez. Um choro com soluços. Chorei calado. Sem entender ainda. Agora sem o meu poema do Agapito, confiscado. Um poema sequestrado. Um poema nunca lido.

Passou o ano. Repeti a 5ª série. Depois repeti a 7ª série. E a 8ª série. Mas consegui me formar. Nesse meio tempo, ganhei um campeonato de xadrez para a Rodrigo Otávio Filho, e um festival de música entre escolas do 13º DEC. Além de concursos de poesia na Biblioteca Popular de Jacarepaguá, em Praça Seca, Zona Oeste do Rio.

O tempo foi-se no vento. Continuei a escrever poesia e a vencer concursos de poesia e redação. Um deles no Colégio Souza Marques, em Campinho.

O tempo foi-se no vento. Agora estava cursando Comunicação Social, Jornalismo, na Universidade Gama Filho. Seria jornalista! Na Gama Filho, cursei um ano com bolsa de estudos 100%, por ter conquistado o 1º Lugar no concurso de poesia em comemoração aos 50 anos da instituição, o “Cinquentão”.

Certa noite, no campus, quem encontro? Dona Sônia. Imediatamente me veio a imagem do Agapito. Me vi na mesinha de centro lá de casa, escrevendo o poema confiscado. Só que, agora, o “garoto” já tinha um nome...

— Oi, professora. Se lembra de mim?

— Acho que não...

— Fui seu aluno, no ginásial.

— Tive tantos alunos...

— O meu nome a senhora lembra sim. Me chamo Ricardo França.

— Ah... Oi, há quanto tempo... Faz o que aqui?

— Jornalismo. E a senhora?

— Direito.

— Direito?? Que bom! Por falar em Direito... A senhora já pesquisou?

— Pesquisei o quê?

— Se o poema que eu escrevi, após a aula sobre a Rosa de Hiroxima, chamado Agapito, personagem de Walt Disney... Era plágio? Lembra, aquele crime que dá cadeia?

— Não. Não sei do que você está falando.

— Pois então. A senhora pegou, de forma coercitiva, o original do meu poema. Não tinha



feito cópia. A senhora levantou, em público, na frente dos meus colegas de turma, se eu havia cometido o crime de plágio. A senhora abusou da sua condição de professora. Me humilhou. Eu poderia ter parado de escrever. Mas graças a Deus, esse dom até hoje carrego. E por conta disso, faço jornalismo. E a senhora? Eu respondo. A senhora nunca mais faça isso com “garoto” nenhum. Porque, se eu souber, eu irei denunciá-la. Numa bela reportagem, no jornal dos estudantes aqui da faculdade. Siga o seu caminho. Porque apesar de você, eu segui o meu.

O tempo foi-se no vento. Nunca mais vi ou ouvi falar da dona Sônia. O poema do Agapito deve ter sido engolido por uma lixeira. Nunca entendi o porquê, o motivo da atitude dela.

O tempo foi-se no vento. Fui contratado pelo jornal O DIA, ganhei dois prêmios internacionais de jornalismo. E um nacional, categoria acadêmico, como professor orientador de uma grande reportagem sobre prostituição, realizada por 40 alunos das primeiras turmas de jornalismo da Universidade Estácio de Sá, em Nova Friburgo.

O tempo foi-se no vento. E o álbum do Walt Disney permanece comigo. Completo. Com a figurinha do barquinho Agapito apitando nele.



Sobre o autor: **RICARDO FRANÇA DE GUSMÃO** é jornalista, professor, poeta, ativista cultural e morador de Vaz Lobo. Conquistou três prêmios de reportagens de Direitos Humanos, dois internacionais (Sociedade Interamericana de Imprensa-SIP e Mercosul), e um de dimensão nacional, na condição de repórter especial e professor orientador universitário. Publicou 29 livros de poesia, contos e crônicas. Selo editorial: Independently published.

## Uma folha

Lorena Lopes Pereira Bonomo

*[Olhar as crianças em movimento e em bando chegando à rua sem saída, todas as tardes, com mochilas nas costas, sem uniformes, brincando com tudo que encontravam no caminho, e depois adentrando à casa ao final da rua, fazia brilhar os olhos da menina que pedia, mesmo aos quatro anos de idade: quero estudar também! A professora era a vizinha, uma ativa e doce mulher negra, e ela exigia o mínimo de cinco anos para começar a alfabetizar. Tática da mãe: vamos dizer que você já tem cinco. Lembra, se te perguntar, já fez cinco! Aceita pela explicadora, vira estudante. Desvela-se a casa-escola tão próxima. Um dos cômodos recebera mesas esticadas e bancos compridos sem encosto, que abrigavam quatro ou cinco crianças cada. Mão firme e amorosa sob as nossas para aprender as letras cobrindo no caderno. No meio da tarde, entoava ritmada a frase: “Quem já fez uma folha, pode merendar!”. Fecho os olhos e posso ouvir como música. E lá íamos nós de volta às nossas casas, por no máximo quinze ou vinte minutos, para fazer um lanche e retornar. A seguir, hora dos testes de leitura para passar (ou não) de lição. De pé, ao lado de Dona Neide, eu percorria com os dedos as linhas na página do dia, marcada com data na cartilha, e a menina “pegou a manha”. Acionava sua boa memória, e passava! E pensava que era bonito ser a professora. Atravessar aquele portão dela era de sonhar].*

*[Eu atendia a todas as crianças do bairro, socorrendo mães, que desejavam que as crianças, mais que tudo, aprendessem. Alfabetizava e explicava em casa. Arrumei o espaço para ser a sala de aula, coloquei os bancos, o pequeno quadro verde na parede, o apontador de ferro na ponta da mesa. Fazia o almoço dos meus e chegava a hora de receber os alunos. Um dia aquela vizinha chega afirmando que a menina tinha cinco anos e já podia aprender a ler. Balela! Como se todos não soubéssemos na rua quando as crianças nasciam e faziam as festas de aniversário nos quintais, rodeando bolos imensos e copos de guaraná. Cinco não tinha ainda, mas fingi que acreditava e aceitei. Mais uma aluna, mais um pequeno pagamento, e era boa a menina. A primeira de muitas daquele quintal, que também viriam logo em seguida. Por vezes, era a explicadora nas tardes da semana e a catequista no domingo de manhã. Dupla fé. Passou por mim um tanto de crianças do entorno. Todos juntos na minha sala, mas o ensino também era de um a um. Aquele meu portão era de trabalhar].*

*Aqui era o rebuliço da tarde. Vinha aquele grupo todo (até a menina de quatro anos se juntou!) rumo à casa de Neide. Parecia escola, mas era casa. Aqui não era professora particular, mas explicadora. Seus alunos e suas alunas me atravessavam correndo e rindo sobre*

*os paralelepípedos. Por vezes levavam bolas nos pés e pipas no céu, mexiam com os cachorros dos quintais e compravam sacolês de Maria, no caminho. Enquanto passavam animadamente por mim, estava também a vizinhança, olhando pelos muros ou sentada na calçada, observando tudo, e educando também. O ensino começava na casa da explicadora, mas a educação era por todo mundo, na casa, no quintal e na rua suburbana – eu. No meio da tarde a correria para a merenda, riscavam esse chão que parecia que estavam “dando doce”! Tudo repetido ao fim de mais um dia na aula da explicadora. Ano após ano. Aquele portão em mim era de cuidar].*

Essa experiência inaugural de docência geografada no subúrbio é atravessada por marcadores de classe, raça e gênero, que seguem orientando cotidianamente a professora que venho sendo. Que compreende que o domínio tático das coisas acartilhadas pode ter sua serventia... ainda mais se as reescrevemos juntando as mãos, driblando e abrindo veredas para todas as demais coisas do mundo. Na escola pública na qual estudei após passar por Dona Neide, nesse bairro suburbano em que cresci com e como professora, Oswaldo Cruz - terra de Paulo da Portela, o professor – também lecionei por mais de quinze anos. Subúrbio educador, também um quintal de lavrar a palavra, de respirar os gestos do comum e de transver o que a cidade pode ser.

Como um salve às que vieram antes, esse texto é uma homenagem à professora de uma comunidade inteira, cujo “nome não vai cair no esquecimento”. Professora Neide, presente!

Sobre a autora: **LORENA LOPES** é doutora em Educação (UFF). Professora Associada do Departamento de Geografia da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (FEBF) e do Programa de Mestrado Profissional em Ensino de Geografia (PROFGEO), na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj).

## Crônica suburbana

Paloma Maulaz Moura Paixão

18h30 de uma segunda-feira. Foi o dia e a hora escolhida pelo casal de aposentados para conhecer o restaurante mexicano do bairro, que abriu há pouco tempo. Pequeno, colorido, jovens funcionários desatentos.

Enquanto uma menina passava descuidadamente uma vassoura no chão, restaurante vazio, o casal, sentado à mesa grande, estava absorto.

Não eram mais os olhares entrecortados e furtivos da juventude, quando se conheceram na escola. Ele, professor de Geografia, ela, Matemática.

O encanto físico-geográfico de um e a praticidade cartesiana de outro deram lugar a certo tédio, retirado pelas telas. Olhavam cada qual, avidamente, seus celulares. Naquelas telas, mundos diferentes, porém mais interessantes que a realidade. Acreditam que na sala de aula jamais permitiriam ou incentivariam, são de uma geração nada digital, mas, clandestinamente, consumiam a tal minitv, rádio, telefone e outras “coisitas” mais.

Certo dia, Ana resolve falar sua vontade:

- Júlio, quero falar com você sobre uma decisão. Mas tomá-la, depende de você.
- Como assim?
- Quero voltar pra sala de aula. Essa vida está um tédio e a cachaça que tomamos traz um vício dos diabos! Voltarei. Não quer voltar também?
- Que maluquice é essa agora? Trabalhou a vida inteira! Enfrentar essa geração de gaia-tos, acabar com a sua paz... Olha, eu nem quero pensar nisso!
- Mas só volto se você for me buscar.
- Quê? Todos os dias?
- Não, eu dou um jeito de dar poucas aulas e agora serão para escrita.
- Mas você enlouqueceu de vez! Tua área é Matemática e agora que deu de escrever esses seus romances já quer dar aula? Tens que fazer algum curso, ora!
- Mas eu faço, estou disposta a me sentir útil e viva novamente.

- Ora, você está é arrumando sarna pra se coçar!

- Mas, vá, se não atrapalha meu futebol e outras rotinas, te busco. Tem muito ladrãozinho querendo roubar senhoras, a qualquer hora.

E lá se foi Ana, satisfeita, buscar cursos. E agora era diferente: queria também dar aula para jovens e adultos, afinal, quem vê o sacrifício dos trabalhadores deste Brasil, chegando tarde da noite nos subúrbios e baixadas, reclamando, mesmo no silêncio de seus cansaços, algo que lhes seja ofertado?

No grupo do WhatsApp, no tal mexicano, Ana já dava mais atenção aos estudantes com suas dúvidas e fofocas. Júlio, seguia entretido em seus vídeos, nada que chegasse aos aplicativos famosos e velozes, seu tempo não chegara a tanto. Tinha lá suas conversinhas salientes e aprendeu sobre likes e outros passatempos, até que, de tanto observar a empolgação de Ana, sentiu-se mais atraído por tal emoção. Ele também queria sentir-se assim.

Em breve, aquele aposentado no tédio estaria nas rodas de conversa de bairro, organizando coletivos, falando ao microfone e revivendo seus tempos de geógrafo.

Com o passar do tempo, esqueceram-se. Mas reencontraram sentidos.

Não mais os corpos ocupando o menor espaço.

Dentro ou fora da sala de aula, eram professores. Isso sim, jamais morreu...

Encantado.

RJ, primavera de 2023.

Sobre a autora: **PALOMA MAULAZ MOURA PAIXÃO** é carioca, suburbana, moradora de Vila Isabel. É professora, analista de soluções educacionais no terceiro setor, escritora e mãe do Pedro Paixão.

INS  
TI  
TU  
TO 215



**CAU/RJ**

Conselho de Arquitetura  
e Urbanismo do Rio de Janeiro